

PRÓLOGO

Eu sabia que abrir aquela porta encarnada iria destruir a minha vida.

Sim, parece melodramático e premonitório e eu não sou dado a nenhuma dessas coisas e o certo é que não havia nada de ameaçador na porta encarnada. Na verdade, a porta era normalíssima, de madeira com quatro almofadas, o tipo de porta que vemos à entrada de três em cada quatro casas dos subúrbios, com a tinta descorada, um batente à altura do peito que ninguém usa e uma maçaneta a imitar latão.

Mas quando me dirigia para ela, com um candeeiro distante que mal iluminava o meu caminho, o buraco escuro abrindo-se como uma boca prestes a engolir-me inteiro, a sensação sinistra manteve-se inabalável. Cada passo em frente exigia um esforço enorme, como se eu não fosse a andar por um passeio rachado mas sim a patinhar em cimento ainda fresco. O meu corpo exibia todos os sintomas típicos de uma ameaça iminente: calafrio na espinha? Confere. Pelos dos braços eriçados? Sim. Arrepio na nuca? Presente. Formigueiro no couro cabeludo? Isso mesmo.

A casa estava às escuras, nem uma luz acesa. A Chynna avisou-me que ia ser assim. Parecia um nadinha padronizada de mais, um nadinha corriqueira de mais. Isso incomodava-me, por qualquer razão. A casa estava também isolada ao fundo da rua sem saída, acorando-se na escuridão como se a afastar intrusos.

Não me agradou.

Nada daquilo me agradava mas é o que eu faço. Quando a Chynna telefonou, eu acabara de treinar a equipa do quarto ano da liga de basquetebol infantil de Newark. A minha equipa, tudo miúdos que, como eu, eram produto de lares de acolhimento (intitulamo-nos SemAis, diminutivo de Sem Pais — humor negro), conseguira dar cabo de uma vantagem de seis pontos a dois minutos do fim. Em campo, como na vida, os SemAis não reagem bem sob pressão.

A Chynna ligou quando eu estava a reunir os meus jovens basquetebolistas para a conversa do pós-jogo, que normalmente consistia em brindar os meus pupilos com algumas tiradas marcantes do género «Bom esforço», «Ganhamos-lhes para a próxima» ou «Não se esqueçam que temos jogo na quinta-feira», acabando sempre com um «Força aí» e depois berramos «Defesa», resolvendo entoar a palavra porque, acho eu, não jogamos nada.

— Dan?

— Quem fala?

— É a Chynna. Vem cá, por favor.

A voz dela tremia, por isso despachei a equipa, meti-me no carro e aqui estou. Nem sequer tivera tempo para um duche. O cheiro a suor desportivo misturava-se agora com o do suor de medo. Abrandei o passo.

Que se passava comigo?

Para já, se calhar devia ter tomado um duche. Não me sinto bem assim. Nunca senti. Mas ela fora categórica. Já, implorara. Antes que chegue alguém. Portanto, ali estava eu, de *t-shirt* cinzenta escurecida da transpiração e colada ao peito, a dirigir-me para essa porta.

Como a maioria dos jovens com quem trabalho, a Chynna tinha graves problemas e, se calhar, foi isso que fez soar os alarmes. Não me agradara a voz dela ao telefone, não me agradava nada esta situação. Respirando fundo, olhei para trás. Ao longe, descortinei alguns sinais de vida na noite suburbana — luzes de casas, o brilho tremeluzente de uma televisão ou talvez de um monitor de computador, uma porta de garagem aberta — mas nesta rua sem saída não havia nada, nenhum som nem movimento, apenas um silêncio na escuridão.

O meu telemóvel vibrou, fazendo-me quase saltar de susto. Deduzi que fosse a Chynna mas não, era a Jenna, a minha ex-mulher. Carreguei na tecla de atender e disse. — Olá.

— Posso pedir um favor? — perguntou ela.

— Estou um bocadinho ocupado, agora.

— Só preciso de alguém que me fique com as miúdas amanhã à noite. Podes trazer a Shelly, se quiseres.

— A Shelly e eu estamos, erm, chateados — respondi.

— Outra vez? Mas ela é ótima para ti.

— Tenho dificuldade em prender-me a mulheres ótimas.

— Eu que o diga.

A Jenna, a minha linda ex, tornara a casar há oito anos. O novo marido era um respeitado cirurgião de nome Noel Wheeler. O Noel

faz voluntariado no meu centro de apoio a adolescentes. Simpatizo com o Noel e ele comigo. Tem uma filha de um casamento anterior e outra de seis anos, de Jenna, chamada Kari. Sou padrinho da Kari e ambas me tratam por tio Dan. Sou o *babysitter* de plantão.

Sei que tudo isto parece muito civilizado e polianístico, e se calhar é. No meu caso, pode ser apenas uma questão de necessidade. Não tenho mais ninguém — nem pais, nem irmãos —, daí que o mais parecido com uma família seja a minha ex-mulher. Os miúdos com quem trabalho, os que defendo e procuro ajudar e proteger, são a minha vida, e ao fim e ao cabo não sei se ando de facto a fazer o bem.

— Terra chamando Dan — disse Jenna.

— Está bem, eu vou — respondi-lhe.

— Seis e meia. És o maior.

Fez o barulho de um beijo para o bocal e desligou. Fiquei a olhar para o telefone por um instante, lembrei-me do dia do nosso casamento. Foi um erro ter casado. Era um erro apegar-me demasiado a alguém e, no entanto, não consigo evitá-lo. Toquem lá os violinos para eu me pôr a filosofar sobre essa do mais vale ter amado e perdido do que nunca ter amado. Não creio que se aplique a mim. Está no ADN dos humanos repetir os mesmos erros, mesmo depois de aprendermos a lição. Por isso aqui estou, o pobre órfão que muito a custo ascendeu a primeiro do curso numa universidade de prestígio mas que, de facto, nunca se desfez de quem era. É lamechas, mas quero alguém na minha vida. Infelizmente, não é esse o meu destino. Sou um solitário que não devia estar sozinho.

«Somos lixo da evolução, Dan...»

Foi o meu «pai» de acolhimento preferido que me ensinou isso. Um professor catedrático que adorava discussões filosóficas.

«Pensa bem, Dan. Ao longo da história da humanidade, os mais fortes e mais inteligentes fizeram o quê? Combateram em guerras. Isso só acabou neste último século. Antes disso, enviávamos os melhores para as linhas da frente. Então, quem é que cá ficava, a reproduzir-se, enquanto os melhores morriam em campos de batalha distantes? Os coxos, os doentes, os fracos, os aleijados, os cobardes — em suma, os inferiores. É disso que somos o subproduto genético, Dan — milénios a dar cabo do metal precioso e a ficar com a escória. É por isso que todos nós somos lixo — o esterco de séculos de má procriação.»

Ignorei a aldraba e bati ao de leve, com os nós dos dedos. A porta abriu-se uma nesga. Não tinha percebido que estava só encostada.

Também não gostei disso. Havia ali muita coisa de que eu não gostava.

Em miúdo, vi muitos filmes de terror, o que era estranho porque os detestava. Detestava coisas que me assustassem. E de facto não suportava filmes de meter medo. Mas mesmo assim via-os, deleitava-me com o comportamento previsivelmente estúpido das heroínas e agora essas cenas vinham-me à ideia, aquelas em que a dita heroína estúpida bate a uma porta e ela abre-se um bocadinho e a gente grita «Foge, minha grande parva!» e ela não foge e minutos depois já o assassino lhe abriu a cabeça para lhe comer os miolos.

Devia ir-me já embora.

E vou mesmo. Mas depois lembrei-me do telefonema da Chynna, das palavras que ela disse, do tremor na voz. Suspirei, inclinei-me para a frincha, espreitei para o vestíbulo.

Escuridão.

Chega de *suspense*.

— Chynna?

A minha voz ecoou. Esperava silêncio. Seria o passo seguinte, certo? Não houve resposta. Abri a porta mais um bocadinho, avancei um passo hesitante...

— Dan? Estou cá atrás. Entra.

A voz abafada, distante. Isso também não me agradou mas já não havia fuga possível. A fuga saía-me muito cara ao longo da vida. Passou-me a hesitação. Agora sabia o que havia a fazer.

Abri a porta, entrei e tornei a fechá-la.

Outros, na minha situação, teriam levado uma pistola ou outra arma qualquer. Eu também me lembrara. Mas não é o meu estilo. Não havia tempo para me preocupar com isso agora. Não estava ninguém em casa. A Chynna tinha-me dito. E se estivesse, bom, logo se resolveria quando chegasse a altura.

— Chynna?

— Vai para a saleta, não me demoro.

A voz parecia... apagada. Vi uma luz ao fundo do corredor e dirigi-me para lá. Agora já havia um barulho. Parei, à escuta. Parecia água a correr. Um chuveiro, talvez.

— Chynna?

— Estou só a mudar de roupa. Vou já.

Entre para a saleta pouco iluminada. Vi um daqueles interruptores com reóstato e ainda pensei em rodá-lo mas, no fim, optei por deixar a luz como estava. Os olhos adaptaram-se muito depressa. A divisão

tinha um apainelado piroso que parecia feito de algo mais próximo do plástico que da família das madeiras. Havia dois retratos de palhaços tristes com flores enormes nas lapelas, o tipo de quadro que se encontra numa venda de garagem de um motel muito rasca. No bar, uma gigantesca garrafa aberta de vodca sem nome.

Pareceu-me ouvir alguém sussurrar.

— Chynna? — chamei.

Não houve resposta. Aguardei, à escuta de mais sussurros. Nada.

Comecei a andar para as traseiras, para onde ouvira o chuveiro a correr.

— Vou já — ouvi a voz dizer. Assustei-me, senti um arrepio. Porque agora estava mais perto. Conseguia ouvi-la melhor. E o que achei particularmente estranho foi:

Não parecia nada a voz da Chynna.

Deparei com três coisas. Primeira, pânico. Não era ela. Põe-te a andar. Segunda, curiosidade. Se não era ela, quem diabo seria e o que se passava? Terceira, pânico outra vez. Ao telefone, era a Chynna — portanto, que lhe acontecera?

Agora não podia mesmo fugir.

Dei um passo na direção de onde viera e foi quando tudo aconteceu. Um projetor acendeu-se à minha frente, encandeando-me. Cambaleei para trás, a tapar a cara com a mão.

— Dan Mercer?

Pisquei os olhos. Voz feminina. Profissional. Timbre grave. Parecia estranhamente familiar.

— Quem está aí?

De repente, havia mais pessoas na sala. Um homem com uma câmara. Outro com o que parecia ser um microfone com girafa. E a mulher da voz familiar, uma mulher lindíssima com cabelo castanho avermelhado e fato de executiva.

Wendy Tynes, *NTC Notícias*. Que veio cá fazer, Dan?

Abri a boca, não saiu nada. Reconheci a mulher daquele magazine de informação...

— Por que mantém diálogos de cariz sexual na Internet com uma menina de treze anos, Dan? Temos as suas conversas com ela.

...aquela que arma ciladas e filma pedófilos para toda a gente ver.

— Veio cá para ter relações sexuais com uma menina de treze anos?

A verdade do que se estava ali a passar atingiu-me em cheio, gelando-me os ossos. Entraram mais pessoas. Produtores, talvez. Outro

operador de câmara. Dois polícias. As câmaras aproximaram-se. Os focos intensificaram-se. A testa encheu-se-me de gotas de suor. Comecei a gaguejar, comecei a negar.

Mas acabou-se.

Dois dias depois, o programa foi para o ar. Toda a gente viu.

E a vida de Dan Mercer, tal como eu de certa forma soube que ia ser quando me aproximei daquela porta, foi destruída.

Quando Marcia McWaid viu a cama da filha vazia, o pânico não a invadiu. Isso viria depois.

Acordara às seis, cedo para uma manhã de sábado, sentindo-se muitíssimo bem. Ted, seu marido há vinte anos, dormia na cama ao lado dela. Deitado de barriga para baixo, com o braço a enlaçar-lhe a cintura. Ted gostava de dormir com uma *t-shirt* e sem cuecas. Nada. Nu da cintura para baixo. «Para o fulaninho lá em baixo ter espaço para se mexer», dizia ele com um sorriso maroto. E Marcia, imitando o desdém adolescente das filhas, dizia «D-I» — Demasiada Informação.

Marcia soltou-se do abraço dele e foi silenciosamente até à cozinha. Fez um café na nova máquina de cápsulas Keurig. Ted adorava máquinas — os homens e os seus brinquedos — mas esta por acaso até tinha alguma utilidade. Pega-se na cápsula, enfia-se na máquina — zás! — café. Sem ecrãs, sem teclados, sem ligação sem fios. Marcia adorava-a.

Tinham acabado recentemente de acrescentar um anexo — mais um quarto, uma casa de banho, a cozinha ligeiramente aumentada com um recanto envidraçado. O recanto proporcionava a entrada abundante do sol matinal e tornara-se, por isso, o sítio preferido de Marcia lá em casa. Pegou no café e no jornal e sentou-se no banco de janela, com as pernas dobradas debaixo do rabo.

Uma fatiazinha de céu.

Permitiu-se ler o jornal e bebericar o café. Dali a uns minutos teria de ir ver a agenda. Ryan, aluno do terceiro ano, tinha o jogo de basquetebol infantil logo às oito da manhã. Ted era o treinador. A equipa dele já não ganhava há duas épocas seguidas.

— Porque é que a tua equipa nunca ganha? — perguntara-lhe Marcia.

— Escolho os miúdos com base em dois critérios.

— Quais?

— Um pai simpático e uma mãe boazona.

Marcia dera-lhe uma palmada a brincar e talvez tivesse ficado um nadinha preocupada se não tivesse visto as mães nas bancadas. Alem

disso, tivera a certeza absoluta de que ele só podia estar a gozar. Ted era realmente um ótimo treinador, não em termos de estratégia mas na forma como lidava com os miúdos. Eles adoravam-no, e à sua falta de competitividade, pelo que até os jogadores sem jeito, os que normalmente eram desencorajados e desistiam durante a época, apareciam todas as semanas. Ted até pegou na canção dos Bon Jovi e adaptou-a: «Dás bom nome à derrota». Os miúdos riam-se e festejavam todos os cestos, e quando se anda no terceiro ano é assim mesmo que deve ser.

A filha de catorze anos, Patricia, tinha ensaio da peça da escola, uma versão resumida do musical *Les Misérables*. Desempenhava vários papéis pequenos mas isso não parecia afetar-lhe os estudos. E a mais velha, Haley, finalista do liceu, ia orientar um «treino de capitão» da equipa feminina de Lacrosse. Os treinos de capitão não eram oficiais, antes uma maneira de incutir o espírito de treinamento segundo as normas das autoridades desportivas liceais. Em resumo, sem treinadores, nada de oficial, apenas um encontro informal, uma espécie de jogo de improviso, se quisermos, orientado pelos capitães.

Como a maioria dos pais suburbanos, Marcia tinha uma relação de amor-ódio com o desporto. Sabia da sua relativa irrelevância a longo prazo e no entanto, mesmo assim, conseguiu deixar-se prender.

Meia hora de paz para começar o dia. Era só do que precisava.

Acabou a primeira chávena, fez uma segunda, pegou no suplemento do «Social». A casa continuava silenciosa. Subiu as escadas sem fazer barulho e foi dar uma espreitadela aos filhos. Ryan dormia de lado, com a cara convenientemente virada para a porta para que a mãe lhe visse as parecenças com o pai.

A seguir, era o quarto de Patricia. Também ela ainda dormia.

— Querida?

Patricia mexeu-se, talvez com um resmungo. O quarto dela, tal como o de Ryan, estava como se alguém tivesse colocado estrategicamente umas barras de dinamite nas gavetas, rebentando com elas; algumas roupas jaziam mortas espalhadas pelo chão, outras lá pelo meio, feridas, agarrando-se ao armário como os tombados em combate numa barricada antes da Revolução Francesa.

— Patricia? Tens ensaio daqui a uma hora.

— Estou acordada — gemeu ela com uma voz que indicava tudo menos isso. Marcia passou ao quarto seguinte, o de Haley, e deu uma rápida espreitadela.

A cama estava vazia.

E feita, também, mas isso não era surpresa nenhuma. Ao contrário dos aposentos dos irmãos, este estava arrumado, limpo, obsessivamente organizado. Podia ser um quarto-modelo numa loja de móveis. Sem roupas pelo chão, com todas as gavetas bem fechadas. As taças — e havia muitas — estavam perfeitamente alinhadas em quatro prateleiras. Ted montara recentemente a quarta, depois de a equipa de Haley ter ganho o torneio das férias em Franklin Lakes. Haley dividira minuciosamente as taças pelas quatro prateleiras, não querendo que a nova ficasse apenas com uma. Marcia não sabia bem porquê. Em parte seria por Haley não querer dar a ideia de que estava só à espera que viessem mais, mas acima de tudo pela aversão generalizada que ela tinha à desorganização. Dispunha as taças todas equidistantes das outras, aproximando-as à medida que iam chegando mais, sete centímetros e meio de separação, depois cinco, depois dois e meio. Haley era toda ela equilíbrio. Era a boazinha, e embora isso fosse uma coisa maravilhosa — uma menina ambiciosa, que fazia os trabalhos de casa sem ser preciso mandá-la, que não queria que os outros pensassem mal dela, que era extremamente competitiva — havia um traço fortemente vincado, uma faceta quase obsessivo-compulsiva que preocupava Marcia.

A que horas teria ela chegado a casa, interrogou-se. Haley já não tinha hora de recolher porque, simplesmente, nunca fora preciso. Era responsável, finalista, e nunca se aproveitava disso. Marcia deitara-se às dez da noite porque estava cansada. Ted, no seu estado «fogososo» habitual, não tardou que fosse ter com ela.

Marcia preparava-se para não ligar, deixar passar, quando algo, não sabia dizer o quê, a levou a decidir fazer uma máquina de roupa. Foi à casa de banho de Haley. Os irmãos mais novos, Ryan e Patricia, achavam que «cesto da roupa suja» era um eufemismo para «chão» ou até «qualquer sítio menos o cesto da roupa suja», mas Haley, claro, obediamente, religiosamente, e todas as noites, punha no cesto as roupas que vestira nesse dia. E foi quando Marcia começou a sentir uma pequena pedra a formar-se no seu peito.

Não havia roupas dentro do cesto.

A pedra no peito cresceu quando Marcia foi ver a escova de dentes de Haley, depois o lavatório e o chuveiro.

Tudo seco.

A pedra cresceu quando chamou por Ted, tentando evitar o pânico na voz. Cresceu quando foram de carro ao treino de capitão e des-

cobriram que Haley não aparecera. Cresceu quando ligou para as amigas de Haley enquanto Ted enviava uma série de *e-mails* — e ninguém sabia onde Haley estava. Cresceu quando ligaram para a polícia local que, apesar dos protestos de Marcia e Ted, achava que Haley era uma fugitiva, uma miúda a descarregar as energias. Cresceu quando, quarenta e oito horas depois, o FBI foi chamado a intervir. Cresceu quando, passada uma semana, continuava a não haver sinais de Haley.

Era como se a terra a tivesse engolido.

Passou um mês. Nada. Depois dois. Nenhuma notícia, ainda. E depois, finalmente, durante o terceiro mês veio a notícia — e a pedra que crescera no peito de Marcia, a que não a deixava respirar e a mantinha acordada de noite, deixou de crescer.